

O LUGAR DOS PAIS NA CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO E NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO DA CRIANÇA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE PARENTS PLACE IN THE CONSTRUCTION OF THE CLINIC CASE AND IN THE DIRECTION OF THE CHILD'S TREATMENT: AN EXPERIENCE REPORT

O LUGAR DOS PAIS NO TRATAMENTO DA CRIANÇA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Categoria: Artigo Original.

Autor: Jaqueline Tozato¹
Orientador: Nancy Greca Carneiro²

RESUMO

O presente artigo irá abordar, a partir de um relato de experiência, o lugar que os pais ocupam na prática analítica com crianças e o papel que representam na construção do caso clínico e na direção do tratamento. Serão apresentados aspectos relacionados à constituição do sujeito e à formação do sintoma. Esta produção foi construída a partir de uma metodologia de releitura de caso, isto é, este relato aconteceu *á posteriori* aos atendimentos, e por meio do contato com a teoria lacaniana foi possível analisar e descrever o caso sob outra perspectiva. Trata-se de um garoto de cinco anos que sinalizava um desconforto em relação à figura materna. Tendo em vista o pressuposto lacaniano que preconiza que o sintoma na criança denuncia aquilo que há de mais sintomático nos pais, a discussão neste artigo pretende explorar os enlaces desta relação.

Palavras-chave: psicanálise; sintoma; criança; pais; objeto de gozo.

¹ Graduada em Psicologia - Unibrasil; Especialista em Psicologia Clínica: Abordagem Psicanalítica - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

² Professora Mestre na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

ABSTRACT

This article will approach, from an experience report, the place occupied by the parents on the analytical practice with children and the role that they represent in the construction of a clinic case and the direction of treatment. Will be also presented throughout this production aspects related to the constitution of the subject and the formation of the symptom. This paper was build from a methodology of posterior case reading, that is, the experience report happen after the attending and by the contact with the lacanian theory was possible to analyse and describe it under another perspective. The case is refered to a five year old boy that show some discomfort in the relationship with the mother figure. In view of the Lacanian assumption that announces that the child's symptom denounces what is most symptomatic in the parents and this articles intent to explore this relation.

Key-words: psychoanalysis; symptom; child; parents; object of enjoyment.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi efeito de minha prática clínica com crianças. O relato deste caso foi *á posteriori* aos atendimentos, no período que compreendeu o tratamento surgiram questões sobre a prática psicanalítica com crianças, que o contato com a orientação lacaniana permitiu reler esta experiência sob novos ângulos.

Esta criança, que será referida como João, apresentava uma série de comportamentos de inquietação, sua mãe, ao discursar a seu respeito fazia semblante de pesar e tristeza. Os contatos diretos com Alice e a observação da relação mãe e filho nas sessões, sinalizaram um desconforto vivido por ambos.

Para estabelecer o que Nasio ⁽¹⁵⁾ chamou de “*esquema referente à análise*”, isto é, suposições que definem a problemática principal do paciente, fiz uso do texto “Mãe morta”, de André Green ⁽⁷⁾, que traz a idéia de uma mãe que por algum motivo se entristeceu e perdeu o interesse pelo seu filho e pela vida. O autor coloca que o movimento primário da criança diante da mãe morta é a fazer viver, pois isso implica a sua própria existência. Não obtendo sucesso, ocorre um desinvestimento do objeto materno, no qual se abre um abismo nas relações objetais com a mãe. Na condução deste caso, o texto “Mãe morta” possibilitou pensar uma relação mãe-filho patógena, que permanece fechada em si mesma.

Partindo do pressuposto lacaniano de que o sintoma na criança representa uma verdade do casal familiar ou da subjetividade da mãe, este caso irá destacar a

relação mãe-filho como centralizadora na descoberta do Inconsciente e constituição do sujeito. Amparada na visão lacaniana de um sujeito que se estrutura a partir do desejo do Outro, e aqui se entende “*Outro primordial*” como aquele que se apresenta como uma referência a criança, nasce à seguinte questão: Que lugar João ocupa no desejo de sua mãe? Como essa suposta “mãe morta” vem a marcar sua constituição e desenvolvimento?

Tendo em vista estes questionamentos e compreendendo a partir deles o laço com os pais como fundamental na estruturação do sujeito, a psicanálise com crianças resguarda um lugar singular as figuras parentais na construção do caso clínico e na direção do tratamento.

METODOLOGIA

Conforme Guimarães e Bento ⁽⁸⁾, o relato de caso em psicanálise está ligado à experiência clínica, na medida em que se constrói um caso e, conseqüentemente, determina-se uma direção para o tratamento, a partir do que emerge entre analista e analisando. Portanto, o caso será apresentado por meio de recortes cronológicos das sessões. Em um primeiro momento, a escrita se direciona para a descrição da história do sujeito e as respostas dadas pelo mesmo, no qual, ao estabelecer dados de significação causal aos dados de significação sintomática, permitiu localizar algumas hipóteses. Posteriormente, serão relatados recortes de sessões que contemplem as particularidades da relação analítica, evidenciando o “fazer” psicanalítico.

ANAMNESE

O paciente, referido aqui como João, permaneceu em análise por um ano. No momento que iniciou o tratamento tinha quatro anos e frequentava à pré-escola. Foi encaminhado pelo Neurologista devido a um diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) e no período que compreendeu o tratamento analítico, fez uso de Respidona, Haldol e Ritalina. Foi trazido para a consulta psicológica pela mãe, que se queixava de seu comportamento “agitado e incomodativo”. Outros sintomas também a preocupavam, como a dificuldade para dormir e agressividade.

Os pais de João são divorciados desde seu primeiro ano de vida e a guarda pertence à Alice. No início do tratamento ambos moravam com a filha mais velha de Alice, que é casada e tem uma filha de dois anos. Após aproximadamente seis meses de tratamento, João e sua mãe moraram durante dois meses com um namorado da mãe; Após o término deste namoro, João e Alice foram morar com a avó, onde permaneceram até o encerramento do tratamento.

No que diz respeito às condições da gestação de João, Alice relata que foi uma gravidez conturbada e não planejada, pois não pretendia ter mais filhos devido a sua idade (na época, 38 anos).

Em relação ao desenvolvimento psicomotor, a mãe coloca situações que indicam certo prejuízo no desenvolvimento da autonomia de João, que não se banha, não se seca, não se veste e não se alimenta sozinho.

Como dito anteriormente, João está na pré-escola e parece não gostar muito do ambiente escolar. Com o intuito de colher elementos para construção do caso entrei em contato com a escola, que percebe uma dificuldade de adaptação do aluno, que na maioria das vezes não adere às atividades propostas, que exijam esforço pessoal e criatividade. A professora relata que João gosta de brincar com outras crianças, mas quase sempre entra em conflito, por querer fazer valer apenas seu desejo.

Conforme procedimento que adoto em minha prática clínica, a entrevista inicial em situação de pais divorciados é realizada com aquele que se queixa, neste caso, a mãe. Posteriormente, com o outro genitor, para então receber o paciente.

No relato que procede, Alice conta sua história: Um evento que parece ser um marco em sua vida é o divórcio, comenta que as discussões eram frequentes e que se sentia humilhada com as agressões verbais do marido. No entanto, a decisão pelo divórcio não foi dela e sim do pai de João, que optou sair de casa para viver com outra mulher. Alice sente-se “abandonada” até hoje, pois desejava que o casamento “funcionasse” e que atualmente não consegue se envolver afetivamente com outro homem, pois seu filho os assusta com seu comportamento. Não possui vida social ativa, pois de acordo com a mesma, o filho toma muito seu tempo. Trabalha com Educação Infantil e sente-se impotente no que diz respeito a João, pois em determinados momentos percebe o comportamento do filho como “má educação”. Alice apresenta um sentimento forte de culpa, pois não consegue ter momentos prazerosos com o filho, de acordo com ela: “estar com ele, é sempre muito difícil”.

João passa o fim de semana com o pai a cada 15 dias; Alice afirma que o pai é pouco colaborativo no que diz respeito à educação de João e que o agride fisicamente (com cinta e sapatos) e verbalmente, chamando-o de “inútil”. Em outro momento, a mãe declarou que essas agressões também ocorriam da parte dela, e que freqüentemente chamava João de “insuportável”. O contato com o pai foi após algumas sessões com João e segundo seu relato, o paciente não necessita de acompanhamento psicológico, pois acredita que os maus comportamentos de João só acontecem na presença da mãe.

A CRIANÇA E O OUTRO

Tendo em vista a constituição do sujeito na teoria lacaniana, pensar em uma intervenção analítica com crianças é pensar em um trabalho que está intimamente relacionado às figuras parentais. De acordo com Lacan, em *Nota sobre a criança* ⁽⁹⁾ o sintoma na criança revela o que existe de mais sintomático na estrutura da família. A partir deste pressuposto, é possível inferir que a efetividade da intervenção analítica também está relacionada à transferência que se instaura com os pais. Fundamentada nesses princípios, Mannoni, em sua obra *A criança, sua “doença” e os Outros* ⁽¹³⁾ indica que “A criança em seus progressos, participa, pois, dos efeitos produzidos no inconsciente dos pais”.

No livro *O Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* ⁽¹⁰⁾, Lacan aborda dois conceitos que operam na constituição do sujeito: a *alienação* e a *separação*. Na *alienação* a criança se liga ao Outro de forma imaginária, isto é, por intermédio da linguagem a mãe no lugar de Outro oferta os significantes. Porém, o sujeito não deve ser totalmente assegurado pelo sentido que o Outro lhe resguarda, pois para haver uma existência é preciso que haja a falta. Segundo Lacan, ser coberto pelo sentido ou existir trata-se de uma escolha que o sujeito em constituição não escapa e sempre irá implicar em perda, ou de existir ou de pertencer ao outro. Em termos de constituição do sujeito, a *alienação* é uma escolha forçada, já que o sentido sempre irá emergir no campo do Outro, ou seja, é necessário primeiro alienar-se para então separar-se e existir.

Em um primeiro momento, a criança não está inserida na linguagem, portanto, é incapaz de se submeter à palavra; falar exige a junção de pelo menos dois significantes, por exemplo: a criança em seus primeiros meses de vida, em um

estado de desamparo chora, a mãe interpretando seu grito como apelo oferece seu seio em resposta, criando uma demanda. A resposta da mãe (S_2) em relação ao choro (S_1), inaugura a cadeia significativa. A partir deste movimento o desejo do Outro nos marca, compondo na subjetividade nossa eterna ligação com o outro.

Segundo Bruder e Brauer ⁽³⁾, a *separação* irá surgir entre o sujeito e o Outro, entre o ser e o sentido, evidenciando duas faltas. Sendo a primeira, aquela que o sujeito encontra no Outro, isto é, nos intervalos do discurso do Outro se revela o desejo, o que faz o sujeito apreender algo sobre o desejo do Outro. A outra falta é a do próprio sujeito, que incide da perda do “ser”, natural da *alienação*. A falta originária da *separação* faz com que o sujeito se destaque do *objeto a* e adentre ao mundo dos significantes em busca de um sentido para sua existência. É nos espaços faltantes entre os significantes que se constitui o desejo, contudo, “(...) no que seu desejo é desconhecido; o sujeito retorna então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal. Isso indica que alienação e separação não são “fases” estáticas (...)”, isto é, a alternância alienação-separação representa as repetições pulsionais da relação sujeito-Outro.

Frente a essa dialética é necessário ressaltar a importância da *separação*, pois é ela que insere a criança em seu próprio desejo, permitindo ao sujeito sair da posição de objeto para o outro. Para que a separação incida sobre o sujeito é imprescindível compreendermos um terceiro conceito, que Lacan nomeou de *Nome-Do-Pai*, a metáfora paterna que coloca limite no gozo materno. De acordo com Vorcaro ⁽¹⁷⁾ essa função é representada por seu nome, não pela presença física de um pai. O pai representa o terceiro na triangulação edipiana que interdita o gozo materno, esse terceiro pode estar presente na mãe ou naquele que habita o grande Outro. O “pai” é o significante que representa a falta no grande Outro, e que, se apreendido, faz a criança se esquivar da condição de objeto. É o desejo de “ser” que retira a criança da alienação do desejo de sua mãe e a insere na castração, tornando-a sujeito desejante. O que a mãe deve bancar neste processo de constituição do “ser” é a habilidade de trocar seu objeto de gozo, pois esse gozo confunde seu corpo e seu imaginário com o real do filho. “Uma mãe que não se situa senão no dom e não na troca, não pode, de nenhuma maneira, reduzir o transbordamento do funcionamento de seu filho: ela mesma está fora da função fálica e de sua lei”. ⁽²⁾

O que suscita conflito na relação mãe-criança reside na inabilidade da mãe em atender as necessidades da criança ou da discordância da mesma em relação à demanda da mãe. A criança e seu sintoma evidenciam o que há de mais sintomático nesse lugar do Outro, pois funciona como resposta a algo apreendido na relação com o Outro. ⁽¹⁶⁾

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO

As sessões com mãe e filho ocorreram paralelamente, houve participação do pai somente na primeira entrevista. Alice faltava frequentemente e em outras ocasiões chegava atrasada, reduzindo o tempo de sessão de João e até mesmo anulando a possibilidade de atendimento, devido à chegada de outro paciente. Cabe ressaltar que o tempo de sessão era vinculado ao plano de saúde, sendo 30 minutos semanais. Alice tem humor deprimido e se recusava a realizar tratamento terapêutico, a indicação veio a partir do que foi relatado e compreendido nas entrevistas preliminares.

Da recepção do consultório observo que Alice não sorri e olha muito pouco para João. Em seu discurso é perceptível que realiza todos os cuidados e se preocupa com o filho, mas afetivamente parece não conseguir suprir as necessidades afetivas do mesmo; Esta dificuldade se manifestou nas sessões iniciais, quando na recepção do consultório João tenta trazer a atenção de sua mãe para si a agredindo e gritando repetitivamente “Me ajuda, me ajuda”. Durante alguns meses João continuou exibindo essa conduta sempre no momento de encerramento da sessão, quando saía da sala correndo, chateado.

João apresenta agitação psíquica e motora intensa e no seu brincar não há continuidade, de forma repetitiva ele desorganiza os objetos e os mistura, tornando tudo muito confuso, o que vem a refletir sua vida psíquica. Nos atendimentos, João se movia constantemente e arremessava objetos em meu rosto. Seus comportamentos exaltados e agressivos são apelos ao Outro.

Nas sessões seguintes me enderecei à mãe para melhor compreender o sofrimento vivido nesta relação, e em seus relatos foi possível identificar que Alice está em uma posição subjetiva dividida entre ser mulher e ser mãe. Dentro da teoria freudiana, a maternidade configura-se como uma das saídas para a castração, isto é, existe uma falta na mulher que poderia ser reparada com um filho. Em

complemento, na teoria lacaniana a mãe é o "Grande Outro primordial" aquela que com seu desejo insaciável tenta tamponar a falta, substituindo o falo por um filho; Troca que não se concretiza, pois “uma mãe preenchida é uma mãe angustiada, pois não deseja como mulher. Assim, o bebê inscrito na série de objetos fálicos, deverá falhar como obturador da falta.” ⁽¹⁾

Segundo Miller ⁽¹⁴⁾ há uma posição de “não - todo”, a criança não deve ser tudo para a mãe, para além de preencher uma falta é essencial que o sujeito feminino se divida entre mãe e mulher. Se o sujeito não se divide, a criança torna-se seu fantasma.

Alice teve o intervalo de aproximadamente 15 anos de um filho para o outro. Ela já não desejava mais uma gestação, seu casamento não ia bem e segundo ela a vinda de João amenizou suas frustrações matrimoniais, já que sua atenção se voltou para ele. Ao que tudo indica João possibilitou para Alice ser mãe em um momento no qual ser mulher era muito dolorido, devido às frequentes humilhações que sofria em seu casamento. Contudo, colocar João como objeto que satura sua falta lhe angustia, pois a falta da falta gera angústia. Se enquanto mãe, Alice não deseja como mulher, torna-se manifesta sua dificuldade em transitar e ocupar esses dois lugares. Em concordância com Farias e Lima ⁽⁶⁾ a mulher não está toda inscrita no regime fálico pela ausência de significantes que digam da mulher; no registro da castração, a inscrição possível para mulher é como mãe, já que falta significante para representá-la como mulher.

Em contrapartida temos João, que está preso ao fantasma dessa mãe e na tentativa de preencher sua falta, se oferece como objeto condensador de gozo. Ao tamponar a falta da mãe, João torna-se o falo, Lacan no livro *O Seminário IV, a relação de objeto* ⁽¹²⁾, ressalta que a criança ao se relacionar com a mãe experimenta o falo como o centro de seu próprio desejo, no entanto, o preço deste lugar são as diferentes posições que o sujeito terá que manter para alimentar a ilusão de tamponamento do desejo da mãe

Logo no primeiro ano de vida de João, Alice se vê abandonada pelo marido e percebe o filho como a única coisa que lhe resta, na medida em que isso a assusta, a conforta também, pois lhe coloca em uma posição de constante renúncia, fazendo com que a mesma não dê passos em direção à reconstrução de sua vida. Frente a esta dinâmica interna de Alice, é preciso refletir sobre o lugar que João ocupa no desejo de sua mãe. Alice fala de João com grande pesar, ele dá trabalho e a impede

de viver sua vida enquanto mulher; se sua vida está fadada ao fim, esse fim é João, e se ele é tudo o que lhe resta, João torna-se objeto de gozo de sua mãe. Quando pensamos sobre os significantes que foram ofertados a esta criança: “Você é um inútil, insuportável”, nota-se que João representa para Alice um lugar de renúncia, um lugar de morte, porque ser mãe para ela é renunciar inconscientemente a posição de mulher, logo, João se torna uma presença que não pode ser “suportada”, que não tem utilidade, isto é, não tem um lugar. Nesse caso, ao filho não resta alternativa se não responder como sintoma dela.

Na medida em que Alice entra em contato com os significantes que aprisionam João, esse passa a ter um contorno, uma existência. Contudo, para que Alice perceba e seja tocada pelos significantes que aprisionam seu filho, é necessário que haja transferência, somente quando ela se inaugura é que Alice passa a me contar sobre o desconforto que sente ao estar com o filho, e se em um primeiro momento a mãe busca explicações científicas para dar conta dos comportamentos patogênicos do filho, agora ela passa a perceber o quanto está implicada no sofrimento dele.

Em consonância com Mannoni ⁽¹³⁾, na intervenção psicanalítica a angústia dos pais dá lugar à questão do sujeito. A criança é marcada antes de nascer pela representação que seus pais têm desse nascimento, isto é, o real da criança entra em conflito com essas projeções inconscientes e se ela percebe que o acesso a sua verdade lhe é vedado, pode, em certos casos, procurar na doença a possibilidade de se expressar.

Na medida em que o trabalho acontece com Alice, a mesma se mobiliza e frente ao sentimento de culpa, busca análise. A direção do tratamento com João fica cada vez mais clara, na medida em que é entendido o contexto no qual João está inserido e o que ele quer do Outro.

Dentro de minha prática gosto de realizar combinados com meus pacientes no que se refere ao tempo que passamos juntos, tal como: respeitar que existe o fim da sessão e que nesse momento nós organizamos a caixa de brinquedos. Com João esse combinado não era bem sucedido, pois o momento de encerramento da sessão era vivenciado por ele de forma negativa. Como já dito anteriormente, João durante as sessões faz uma grande bagunça, espalha e mistura vários brinquedos, mas não brinca com nenhum. A “bagunça” que João deixava na sala se configurava como um pedido de ajuda e, é importante ressaltar que particularmente nesse caso,

o ato de organizar é simbólico e representa a possibilidade de uma organização psíquica, um estado de clareza no qual o sujeito possa emergir. É necessário tomar a bagunça como uma tentativa de construir suas referências imaginárias (onde vivo? onde moro?) e simbólicas (o que eu sou para o outro?).

Em sessão digo a João: “Você deixa toda essa bagunça para eu arrumar, pois acha que bagunça é impossível de arrumar, e que só eu poderia fazer isso? João responde: “Sim, é muito difícil”. Aqui, não como um combinado de regras, mas como uma aposta no laço com o Outro em que a palavra possa intervir, proponho a ele um novo combinado: “Eu vou te ajudar, mas você precisa me ajudar também ok?! Juntos, vamos tentar não fazer uma grande bagunça e para conseguirmos isso vou deixar disponível duas opções de brinquedo e o restante fica no armário, o que acha?” Inicialmente João concorda, porém, nas sessões seguintes se frustra com as poucas opções de brinquedo e sempre realiza tentativas agressivas de abrir o armário, que está trancado. Para possibilitar ao paciente uma direção rumo a sua subjetividade, foi necessário em minha posição de analista, ofertar significantes que o inserissem na Lei. De acordo com Checchinato ⁽⁴⁾, a psicanálise oferta à criança um lugar por intermédio de significantes que a situem em sua subjetividade.

Quando enfim posso escutar o que João enuncia, posso ajudá-lo; O que João demanda do Outro é um lugar digno de uma existência. Quando digo a ele: “Você me deixa com toda essa bagunça para eu arrumar, pois acha que bagunça é impossível de arrumar e que só eu poderia fazer isso?” e então proponho a ajudá-lo a organizar, oferto um lugar a João, mas um lugar que tem um preço, que é o de renuncia aos outros brinquedos. Segundo Checchinato ⁽⁴⁾ trata-se da castração como ato analítico “um ato em que a “palavra vazia” se transforma em “palavra cheia”, um ato de cura em que os sujeitos interseccionados se libertam pela apropriação do desejo próprio”.

No decorrer do tratamento era perceptível o prejuízo na autonomia e em sua auto-estima, constantemente me solicitava para ajudá-lo a realizar coisas simples, como calçar o tênis ou vestir a roupa em um boneco. João não gostava de desenhar e sempre que solicitado a realizar esta atividade respondia da seguinte forma: “Eu não desenho bem, eu sou inútil.” Aos poucos fui estimulando o paciente a produzir, inicialmente sugeri que o mesmo usasse forminhas para desenhar usando os próprios brinquedos que tínhamos. Na medida em que se sentiu mais confiante, realizou seu próprio desenho, ocupando um pequeno espaço na folha ele fez uma

paisagem retratando o mar e o sol, João sugeriu que cortássemos e colássemos o desenho na parede, não conseguindo cortar ficou muito irritado, sugeri que trabalhássemos em equipe, eu cortaria e ele colaria, João aceitou. Quando iniciei cortei por acidente um pedaço do desenho, João ficou muito chateado, como se eu tivesse destruído algo que era muito precioso para ele, e de fato era, João finalmente produziu algo que era fruto de seu desejo e eu, tal como sua mãe, “cortei”. Expliquei a João que ele não precisava ficar chateado, já que era capaz de reproduzir novamente o desenho e até mesmo criar um novo, independente do que eu fizesse com suas produções.

Com o tempo, João passa a aceitar os combinados relacionados ao tempo que passamos juntos e começa a solicitar as opções de brinquedo para as sessões seguintes, comunica que gostaria que tivéssemos mais tempo de sessão e que seria legal ter mais opções de brinquedos. Tornou-se menos agitado e agressivo, seu brincar era mais saudável e criativo. Uma das brincadeiras favoritas de João era que eu sentasse no chão, para que ele arremessasse objetos em meio de minhas pernas e quando já não havia mais objetos, João se aproximava, se posicionando entre minhas pernas, buscando em meu corpo uma posição fetal; os efeitos do trabalho via transferência são inegáveis.

O trabalho com João e Alice evoluía, porém, o tratamento foi interrompido pela mãe, devido à impossibilidade de João continuar a ser atendido por mim em outro endereço e sob novo contrato de trabalho.

Sobre minha jornada com João: “Nosso papel como psicanalistas, não é o de desejar algo para alguém, mas ser aquele, graças a quem ele pode chegar até seu desejo”.⁽⁵⁾

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do caso clínico é um processo que visa ir além daquilo que o sujeito se queixa. É somente pela análise cuidadosa do que o paciente ou responsável por ele traz é que temos elementos para construir algo. Nesse sentido, a interpretação empregada nesse processo coloca o analista na posição daquele que revela uma verdade e que participa ativamente da relação analista-analisante, pelo seu desejo e dinâmica da transferência.

O relato de experiência apresentado neste artigo possibilitou a compreensão do que é a demanda, e que essa sempre irá se situar no campo do Outro, pois se trata daquilo que o sujeito não tem e que quer obter, indicando a que Outro o sujeito se dirige e qual é sua posição frente ao sintoma, isto é, como ele reeinvindica aquilo que deseja do Outro. É somente na inauguração da transferência que esta demanda nos é endereçada, neste momento o caso adquire uma forma, nos levando a refletir sobre a direção do tratamento.

Ao reler este caso a partir de conceitos lacanianos, foi possível compreender que cada caso é singular e que é impossível enquadrarmos o que acontece no cenário psicanalítico somente na teoria, pois a terapêutica se dá na relação entre analista e analisante, isto é, o desejo do analista inaugura a transferência, condição sem o qual o tratamento não acontece.

A partir deste relato também foi possível compreender que a psicanálise com crianças reserva aos pais um lugar importante, pois os efeitos da intervenção psicanalítica deverão de certa forma incidir sobre eles. Da mesma maneira que a relação transferencial irá possibilitar a abertura subjetiva do paciente, isso também deve acontecer com os pais, para que algo em seus desejos nos seja revelado. No entanto, é fundamental reconhecermos que independentemente de seus pais, a criança pode se utilizar dos efeitos da psicanálise.

REFERÊNCIAS

1. BAPTISTA, F. Valeria. Amar, cuidar, subjetivar – implicações educacionais na primeira infância. **Estilos da Clínica**, São Paulo, Vol. III, n. 15, p. 58-71, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282003000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 11 de maio de 2015.
2. BERGÉS, Jean; BALBO, Gabriel. **A criança e a psicanálise**. 2º edição. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.
3. BRUDER, R, C, Maria; BRAUER, F, Jussara. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. **Psicologia em estudo**, Maringá, Vol. 12, n. 3, p. 513-521, set/dez de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a08>. Acesso em: 09 de junho de 2015.
4. CHECCHINATO, Durval. **Psicanálise de pais: criança, sintoma dos pais**. 1º edição. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

5. DOLTO, Françoise. **Seminário de Psicanálise de crianças 2**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1990.

6. FARIAS, F, N, Cynthia; LIMA, G, Glaucineia. A relação mãe-criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. **Estilos da Clínica**, São Paulo, Vol. IX n. 16, p. 12-27, 2004. Disponível em: www.revistas.usp.br/estic/article/view/4596. Acesso em: 11 de maio de 2015.

7. GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte; A mãe morta**. São Paulo: Escuta, 1988.

8. GUIMARÃES, M, Roberto; BENTO, S, E, Victor. O método de “estudo de caso” em psicanálise. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, jan./mar. 2008, pp. 91-99,

9. LACAN, Jacques. **Outros escritos**; Nota sobre a criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 369 p.

10. LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 193-194 p.

11. LACAN, Jacques. **O seminário, Livro XX, Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

12. LACAN, Jacques. **O Seminário livro IV, A relação de objeto**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Milller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995 (1956-1957). 230 p.

13. MANNONI, Maud. **A criança, sua “doença” e os outros**. 1ª edição. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 1999.

14. MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. **Opção lacaniana online**, ano 5, n. 15, novembro de 2014. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf. Acesso em: 09 de junho de 2015.

15. NASIO, D, Juan. **Os grandes casos de psicose; Que é um caso?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

16. PRADO, L, A, C, Antonia. A criança na clínica psicanalítica – o lugar dos pais. **Instituto Trianon**, São Paulo, abril. 2009. Disponível em: www.institutotrianon.com.br. Acesso em: 11 de maio de 2015.

17. VORCARO, Ângela. **A criança na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.